

Prefácio à edição de 2010¹

Ler Jung após *O Livro Vermelho*

Com a publicação do *Liber Novus* – O Livro Vermelho² de Jung – inicia-se um novo capítulo na leitura das obras de Jung. Pela primeira vez, estamos em condições de compreender a constituição das obras de Jung de 1914 em diante e registrar as íntimas conexões entre sua autoexperimentação e suas tentativas de determinar os aspectos típicos deste processo através de seu trabalho com seus pacientes e traduzir suas intuições numa linguagem aceitável para um público médico e científico. Assim, ler o *Liber Novus* implica a tarefa de reler as *Obras Completas* de Jung – muitas das quais aparecem sob uma luz totalmente nova.

No inverno de 1913, Jung embarcou num processo de autoexperimentação. Deliberadamente deu rédeas ao seu pensamento baseado na fantasia e anotou cuidadosamente o resultado. Mais tarde deu a este processo o nome de “imaginação ativa”. Registrou por escrito estas fantasias nos *Livros Negros*. Estes livros não são diários pessoais, mas antes os registros de uma autoexperimentação. Os diálogos que formam estas imaginações ativas podem ser considerados um tipo de pensamento em forma dramática.

1. Tradução de Gentil Avelino Titton.

2. C.G. JUNG. *O Livro Vermelho*. Edição e introdução de Sonu Shamdasani e tradução de Edgar Orth. Petrópolis: Vozes, 2010.

Quando estourou a Primeira Guerra Mundial, Jung considerou que diversas destas fantasias eram precognições deste evento. Isto o levou a compor o primeiro esboço do *Liber Novus*, que consistiu numa transcrição das principais fantasias dos *Livros Negros*, junto com uma camada de comentários interpretativos e elaboração lírica. Aqui Jung tentou deduzir destas fantasias princípios psicológicos gerais, como também entender até que ponto os acontecimentos retratados nas fantasias apresentavam, de forma simbólica, evoluções que iriam ocorrer no mundo.

Jung recopiou o manuscrito num manuscrito gótico floreado num grande volume in-fólio com capa de couro vermelha, ilustrado por ele com suas próprias pinturas. O tema geral do livro é o processo pelo qual Jung recupera sua alma e supera o mal-estar contemporâneo da alienação espiritual. Basicamente isto é alcançado possibilitando o renascimento de uma nova imagem de Deus em sua alma e desenvolvendo uma nova cosmovisão na forma de uma cosmologia psicológica e teológica.

Entre 1916 e 1928, Jung publicou diversas obras, nas quais tentou traduzir alguns dos temas do *Liber Novus* para a linguagem psicológica contemporânea. Em 1928, o sinólogo Richard Wilhelm enviou-lhe uma cópia do tratado alquímico taoista *O segredo da flor de ouro*, convidando-o a escrever um comentário. Impressionado com o paralelismo entre as imagens do texto e alguns dos seus próprios mandalas, Jung decidiu finalmente pôr de lado seu trabalho no *Liber Novus* e não publicá-lo. Em vez disso, dedicou-se ao estudo intercultural do processo de individuação, focalizando em particular a alquimia medieval, usando paralelos com seu próprio material como meio de apresentar o processo numa forma indireta e alegórica. Até hoje, isto tem

apresentado tremendos desafios a leitores fora do círculo íntimo de Jung.

O si-mesmo oculto

No período posterior à Segunda Guerra Mundial, com o advento da Guerra Fria, a construção do Muro de Berlim e a explosão da bomba de hidrogênio, Jung encontrou-se mais uma vez confrontado com “um tempo dilacerado pelas imagens apocalípticas de uma destruição planetária”³, como se encontrara quando compôs o *Liber Novus* durante a Primeira Guerra Mundial. Articulando ali um elo direto entre o que ocorria no indivíduo e na sociedade em geral, ele argumentou que a única solução para os acontecimentos aparentemente catastróficos no mundo era o indivíduo entrar em seu interior e resolver os aspectos individuais do conflito coletivo: “O espírito da profundidade quer que esta guerra seja entendida como uma divisão na própria natureza de cada pessoa”⁴. Em seu confronto pessoal, o esforço de Jung foi um esforço para resolver dentro de si mesmo os conflitos que se refletiam no cenário mundial. Em 1917, ele escreveu:

Esta guerra mundial mostra implacavelmente que o homem civilizado ainda é um bárbaro. [...] *A psicologia do indivíduo corresponde à psicologia das nações. As nações fazem exatamente o que cada um faz individualmente; e do modo como o indivíduo age, a nação também agirá.* Somente com a transformação da atitude do indivíduo é que começará a transformar-se a psicologia da nação⁵.

3. Cf. adiante § 488.

4. *O Livro Vermelho*, p. 253.

5. *Psicologia do inconsciente*, OC 7/1, p. 10.

Nos decênios seguintes, as tentativas de Jung de desenvolver uma psicologia e uma psicoterapia da individuação foram dedicadas a esta tarefa. Por volta dos anos de 1950, a história moderna mostrou que a difícil situação enfrentada pelo indivíduo era até mais grave do que em 1917. Em 1956, Jung retomou mais uma vez estes temas, numa pequena obra intitulada *Presente e futuro* (em alemão: *Gegenwart und Zukunft*). Articulando estes temas no contexto histórico contemporâneo, ele argumentou que só o autoconhecimento e a experiência religiosa poderiam fornecer resistência à sociedade totalitária de massa. Sob este aspecto, o indivíduo foi esquecido, por um lado, pela ciência moderna e, por outro, pela religião organizada. O que se fazia necessário era uma psicologia que facilitasse o autoconhecimento, reconectando os indivíduos com seus sonhos e com os símbolos que emergiam espontaneamente de dentro – o que foi o tema da última obra escrita de Jung, “Símbolos e interpretação dos sonhos”, destinada a transmitir suas concepções ao público em geral.